

## Carlo Cardazzo. As origens de sua coleção e da Galleria del Cavallino

Sileno Salvagnini

Carlo Cardazzo (Veneza, 1908 – Pavia, 1963) começou a interessar-se pela arte verossimilmente entre os anos 1920 e 1930, encontrando poderoso auxílio no jovem pintor toscano Giuseppe Cesetti, que chegara em 1932 à Accademia di Venezia como assistente de pintura de Virgilio Guidi. Cardazzo se desobrigou por seus preciosos conselhos não só adquirindo seus quadros, mas também publicando, em 1934, um pequeno volume com textos, além de seu próprio, do próprio Cesetti e sobretudo de Ottone Rosai. Aquele foi o início das Edizioni del Cavallino, com a logomarca que as diferenciava<sup>1</sup>.

Seguiram-se livros sobre poetas, artistas, escritores, que por reconhecimento unânime eram edições de raras qualidades gráficas em que se procurava fazer coexistir linguagens diversas. Cesetti, que logo se tornou um tipo de conselheiro de Cardazzo sugerindo-lhe aquisições ou vendas de quadros, sabia como lisonjear o colecionador. Por exemplo, em um cartão postal de 1937, o pintor escrevia: “Por toda parte se fala de sua coleção”<sup>2</sup>. Mas sem dúvida propôs a ele, com inteligência, que comprasse pinturas e esculturas de notável qualidade. Como exemplo recordarei, na fartíssima correspondência, a mediação para dois “ótimos Campigli”<sup>3</sup>. Mais ainda, em 1939<sup>4</sup> informou-o de Roma que tinha fechado com o colecionador De Blasio para ter

*o famoso cavalinho de Scipione. Estupendo. Dois cavalos no mar de De Chirico. Ótimo. Uma magnífica paisagem de Mafai. Estupenda. Uma das coisas mais requintadas de Rosai 1921, Composição, muito superior a todos aqueles da*

1 Para tais questões ver o texto de: SALVAGNINI, Sileno. “Carlo Cardazzo e il sistema delle arti in Italia 1933 – 45”, in CAT. EXP. *Carlo Cardazzo. Una nuova visione dell'arte*, a cura di Luca M. Barbero. Venezia, Peggy Guggenheim Collection, 1 novembre 2008 – 9 febbraio 2009. Electa: Milano, 2008, *passim* pp. 47 – 48. Grande parte do meu texto foi elaborado a partir desse catálogo.

2 Cartão postal reproduzindo com o *Ritratto della Signora Albertina Repaci* do próprio Cesetti, com a data do carimbo postal “Ferrovia Milão - 24 - V - 37 XV”, Arquivo da Galleria del Cavallino, Veneza (doravante: AGCVe), fasc. *Cesetti*. Agradeço a Família Cardazzo e Angelica, em particular, por nos permitir o acesso a esse arquivo.

3 Carta copiada em *Caro Cardazzo. Lettere di artisti, scrittori e critici a Carlo Cardazzo dal 1933 al 1952*, a cura di Angelica Cardazzo, Edizioni del Cavallino, Veneza, 2008, p. 70.

4 Carta manuscrita, datada “Roma 20-6-39 XIX” AGCVe, fasc. *Cesetti*, apud. *Caro Cardazzo...*, op. cit., p. 87, grifos no texto. As pinturas em questão deveriam ser, *Cavallino*, 1929 (Scipione), *Cavalli in un paesaggio greco*, 1932 (de Chirico), *Roma vista dal Gianicolo*, 1929 (Mafai), *Fiori alla finestra*, 1927 (de Pisis), *Operai in riposo* (Rosai). A confirmação para a compra de *Il cavallino*, de Scipione, foi dada por Cardazzo em uma carta de 3 de julho de 1939 ao crítico de arte Giuseppe Marchiori (datilografada em papel timbrado “Dorsoduro 3478 Venezia”, datada de julho 1939 XVII); Arquivo Marchiori, na Biblioteca Pública de Lendinara, B.ta 26bis, fasc. 50.

coleção. Uma pequena joia de De Pisis. Trata-se de um belo conjunto. De Blasio queria 12.000. Doze mil, mas após muitas negociações cheguei a 7.000 – sete mil. A mulher de De Blasio está hospitalizada, por isso ele precisa de dinheiro vivo.

Paralelamente ao interesse pelas obras de arte cresceu também o interesse pelas edições de arte. Depois do volume sobre Cesetti<sup>5</sup>, seguiram-se outros, entre os quais um sobre Modigliani, em edição numerada e de baixíssima tiragem<sup>6</sup>. Em março de 1940 as Edizioni del Cavallino realizaram a empreitada mais importante até aquele momento, o *Numero unico del Cavallino*<sup>7</sup>, um verdadeiro volume – não vendido mas, como as obras precedentes, oferecido como presente apenas a amantes de arte e amigos – que apresentava uma rica escolha de poesias e prosas de autores como Giuseppe Ungaretti, Eugenio Montale, Salvatore Quasimodo, Alfonso Gatto, Aldo Palazzeschi, Leonardo Sinisgalli, Giovanni Comisso, Sandro Penna, Vincenzo Cardarelli, Massimo Bontempelli; de políticos como Giuseppe Bottai – famoso ministro “de esquerda” da Educação Nacional – e Renato Mucci – seu chefe de gabinete, arguto intelectual, tradutor de Mallarmé e, entre outras coisas, crítico de uma bela exposição de Antonio Donghi em 1924, na Casa d’Arte Bragaglia; de trechos musicais de Alfredo Casella, Gian Francesco Malipiero e Goffredo Petrassi; de desenhos, águas-fortes e litografias, entre outros, de Lucio Fontana, Giorgio De Chirico, Domenico Cantatore, Mario Mafai, Scipione, Giorgio Morandi, Massimo Campigli; enfim, um corpulento núcleo de obras da coleção, entre as quais Scipione (*Cavallino*, 1930), Sironi (*Composizione*, cerca do final dos anos 1920), De Chirico (*Lottatori*, 1927) (Fig.1)

Por volta de 1940 Cardazzo era conhecido não só pelas edições refinadas, mas também como colecionador de envergadura. Não por acaso Cardazzo enviara uma das peças mais bonitas de sua própria coleção, a *Natura morta nera* de Morandi (1920), à World’s Fair Golden Gate Exhibition, exposição realizada em 1939 por ocasião da feira turística e comercial, e fortemente apoiada pelo ministro Bottai<sup>8</sup> (Fig.2).

5 Veja o pequeno volume *Cesetti*, editado por Carlo Cardazzo, Edizioni del Cavallino, Veneza, 1934 (na verdade: 1935; ver: BIANCHI, Giovanni. *Un Cavallino come logo*, con *Prefazione* di Dino Marangon. Veneza: Edizioni del Cavallino, 2006, p. 135).

6 Ver: BARTOLINI, Luigi. *Modi*. Veneza: Edizioni del Cavallino, 1938. Tratava-se do segundo título de arte publicado depois do conhecido volume sobre Cesetti; ver: BIANCHI, Giovanni, op. cit., p. 135.

7 Ver: *Numero unico del Cavallino*. Veneza: Edizioni del Cavallino, 1940.

8 Sobre este assunto, ver a reconstrução detalhada, juntamente com as páginas do catálogo relacionadas à arte moderna, de Alessandro Sciarrone, *Golden Gate Exhibition San Francisco 1939: una mostra dimenticata*, “Arte in Friuli, arte a Trieste”, curadoria do Istituto di Storia dell’arte dell’Università agli Studi di Trieste, n.º. 24, 2005, passim p. 83 e seguintes. A documentação relacionada se encontra no ACS (Archivio Centrale dello Stato), Roma, respectivamente Minculpop [ou seja, Ministério da Cultura Popular], B.ta 228, fasc. 61.13, e 229, o mesmo número de fascículo; e PCM [ou seja, Presidência do Conselho de Ministros] 1937-1939, B.ta 2495, fasc. 14/1/2469, *San Francisco di California. Esposizione Internazionale, detta del “Golden Gate” (1939)*. Quanto ao Morandi de Cardazzo, no catálogo de n.º. 22 se lê: “Giorgio Morandi, *Still Life with Black Objects* (1920) Lent by Mr. Carlo Cardazzo, Venice”. Enfim, saliente-se que, quando a guerra começou, os colecionadores que tinham emprestado obras para esta exposição expressaram a sua preocupação, como testemunha, por exemplo, uma carta de Pietro Feroldi a Cardazzo, em que o colecionador de Brescia escreveu: “[...] Pedi ao Ministério da Educação Nacional que me informasse se não seria possível reaver os nossos quadros, que constituem a seção moderna, de volta dos Estados Unidos. Não que a minha solicitação deva ser interpretada no sentido... que se eles vão para o fundo menos mal: mas certamente o valor deles e seu interesse não é atribuível aos outros. Até Valdameri a apoiou”; AGCve, fasc. *Feroldi - Brescia*, carta datilografada, em papel timbrado, “Advogado Pietro Feroldi - Piazza della Vittoria 3 - Brescia”, datada “Brescia, 23 de dezembro de 1939 XVIII”, sublinhado no texto.

Todavia, a consagração definitiva de Cardazzo como grande colecionador ocorreu no ano seguinte, com a exposição de sua coleção na Galleria di Roma, em abril de 1941, a que se seguiu, em agosto do mesmo ano, em Cortina d'Ampezzo, a exposição igualmente importante sobre as coleções de arte contemporânea italianas.

A mostra na Galleria di Roma, fundada em 1930 por Pier Maria Bardi<sup>9</sup>, foi a primeira saída pública da coleção: antes disso, as notícias sobre ela eram ligadas a visitas particulares de indivíduos, críticos e especialistas em arte, ou a informações provenientes das Edizioni del Cavallino. Por exemplo, Leonardo Sinisgalli escrevera em 1939<sup>10</sup>:

*Quando me sobram alguns dias e um pouco de dinheiro, tomo o trem para Veneza e vou visitar, em Dorsoduro 3478, o meu amigo [...] Cardazzo. Seus quadros, cerca de uma centena, são dispostos, sem acrobacias arquitetônicas, sem surrealismo, em um ambiente tranquilo, nas paredes da casa dele. É uma beleza vê-los aqui, perto de uma cômoda, de uma espada, de um arranjo de armas de fogo, acima do berço do bebê, na mesa de cabeceira, ao invés de exilados e loucos nas salas esquálidas de museus [...]. Cardazzo reuniu, sem gastar demais, uma pequena e preciosa antologia da pintura italiana sem permitir excessivas conveniências e simpatias ou esnobismos. Descartou toda a arte pompier, descartou, é claro, todos os faluchos, mas em compensação quantas ricas, intensas placas poéticas. Carrà, Morandí, Mafai, Scipione, Cesetti, Campigli, Rosai, De Chirico, perto de assinaturas novas, escolhidas com astúcia e com amor. Cardazzo não engana e não especula e, sobretudo, não desbarata para fazer negócios [...].*

Apresentando o catálogo da exposição romana de 1941<sup>11</sup>, o grande crítico vêneno Giuseppe Marchiori também sublinhou não apenas a tendência moderna de colecionar mas, sobretudo, as qualidades do proprietário, “homem de poucas palavras, porém de gosto seguro, mantido em uma linha de justa intransigência”. Logo depois, Marchiori evidenciou como a circunspeção, e também uma grande generosidade, fossem as principais qualidades de Cardazzo:

*A sua coleção de arte é o resultado, harmônico e unitário, de aquisições feitas com cautela exemplar. [Ele] não se limitou a uma escola ou a uma tendência: soube espacejar em largura e em profundidade procurando apenas obras dignas de representar um artista, ou em um momento essencial de seu processo de formação, ou na maturidade de suas conclusões, sem excluir a contribuição dos jovens em favor das reputações reconhecidas e, na verdade, para alguns antecipando um julgamento que a crítica deverá corroborar em seguida.*

9 Na Galleria di Roma, fundada em 1930 por Pietro Maria Bardi, ver: SALVAGNINI, Sileno. *Il sistema delle arti in Italia 1919 - 1943*, com *Introduzioni* de Dino Formaggio e Andrea Emiliani. Minerva, Bologna, 2000, pp. 186 e seguintes e 301 e seguintes; e BIGI, Daniela. *Il Teatro delle Arti. Le attività espositive dal 1937 al 1943*. Roma: Enap, 1994.

10 Ver: SINISGALLI, Leonardo. “La raccolta Cardazzo”, *Campo di Marte*, Firenze, 15 aprile 1939.

11 Ver: Confederazione Fascista Professionisti e Artisti, *La Collezione Cardazzo*, com Prefácio de Giuseppe Marchiori, exposição na Galleria di Roma, Roma, Istituto Gráfico Tiberino, sem data (mas 1941), passim p. 9 e seguintes. As citações que se seguem foram extraídas deste catálogo.

Depois de falar dos indivíduos, de De Chirico a Carrà, de Sironi a Tosi, ao grupo dos jovens claristas<sup>12</sup> (Lilloni, Del Bon, Semeghini, Sassu) a Tomea; enfim, depois de ter só nomeado os seis escultores presentes (Romanelli, Martini, Messina, Marini, Manzù, Fontana), o crítico observava como, pela primeira vez, o conjunto das obras presentes fosse oferecido “ao julgamento do público italiano”.

Na exposição de Cortina, que se inseria no desenho mais global de “ação para a arte” do ministro Bottai, ou seja, como envolver o público nas manifestações de arte contemporânea, compreendida não como corpo independente da grande arte italiana do passado, mas como sua continuação lógica<sup>13</sup>, foram convidados, como se comprova por uma lista detalhada, 84 colecionadores italianos, mesmo se, no final, os expositores não superaram a marca de quinze<sup>14</sup>. A convite do diretor geral do Ministério da Educação Nacional, Marino Lazzari, Cardazzo respondeu, a 5 de agosto de 1941<sup>15</sup>:

*Prezado Lazzari,*

*Não obstante as minhas obras tivessem sido pregadas nas paredes ao retornarem da exposição de Roma, para apoiar a iniciativa do Ministro e Vossa, decidi enviar à mostra de Cortina umas trinta obras, entre pintura e escultura, dos artistas mais significativos. Por isso escolhi, para cada artista, duas pinturas representativas. Se a exposição tivesse sido preparada com mais calma, de maneira a avisar os colecionadores em tempo e reservar a eles o espaço devido, eu teria participado com toda a minha coleção, mas como o regulamento não é muito claro, e não conhecendo o espaço reservado, limitei-me a quanto já lhe disse.*

Venceu o primeiro prêmio o colecionador Alberto Della Ragione, genovês por adoção, em segundo qualificou-se Cardazzo, em terceiro Mario Rimoldi, em quarto Cornelio Suppo, com prêmios líquidos respectivamente de dezoito mil, treze mil e quinhentas, nove mil e quatro mil e quinhentas liras<sup>16</sup>. Maior reconhecimento da atividade de Cardazzo foi sugerido pelo ministro em pessoa que, em 1941, enviou-lhe o telegrama seguinte: “Comunico-lhe que, após minha proposta, Sua Majestade o Rei Imperador dignou-se a conceder-lhe medalha de prata beneméritos em Artes...”<sup>17</sup>. As opiniões para as duas manifestações, em particular a exposição na Galleria di Roma, foram, de modo geral, positivas. Aldo Francini escreveu no *La Tribuna* que Cardazzo apresentava os “seus artistas sob

12 Movimento de jovens pintores que produziam pinturas de cores claras, sinais leves e impregnadas de luz. A técnica consistia em pintar sobre uma base de branco ainda úmida (N. da T.)

13 Sobre a questão, gostaria de fazer referência à minha “L’arte in azione. Fascismo e organizzazione della cultura artistica in Italia”, *Italia contemporanea*, Milano, n. 173, dicembre 1988, p. 16 e seguintes.

14 A lista datilografada se encontra no ACS, Roma, AA.BB.AA., Div. III 1935-1949, B.ta 288, fasc. U.A.C., *Cortina d’Ampezzo. Collezione d’arte Rimoldi – Mostra Arte contemporanea Premio del collezionista*, (à mão) *Pratica 1*. Ver também o CAT. EXP. *Mostra delle Collezioni d’Arte Contemporanea*. Cortina d’Ampezzo, Palazzo duca d’ Aosta, 10 – 31 agosto 1941, Cooperativa Anonima Poligrafica Cortina, s.d. (mas 1941).

15 Carta datilografada em papel timbrado “Dorsoduro 3478 Venezia”, endereçada a Marino Lazzari, datada de “5 de agosto de 1941 - XIX”; *ibidem*.

16 Ver a *Relação* da Comissão - também mencionada no catálogo, a partir do qual também se vem a saber que o Ministério deu um total de 54 mil liras de prêmios à Azienda di Soggiorno di Cortina, ACS, Roma, AA.BB.AA., Div III 1935-1949, B.ta 288, fasc. UAC, *Cortina d’Ampezzo – I Premio del Collezionista – Commissione per l’assegnazione dei premi*.

17 Telegrama datado de 16/9/1941 relatado em *Caro Cardazzo...*, op. cit., p. 92.

uma luz que jamais fora vista melhor”<sup>18</sup>. Já Carlo Tridenti, no *Il Giornale d'Italia*, sublinhava uma vez mais as características de síntese da coleção, fixou-se nos “jovens” – milaneses, venezianos e sobretudo romanos, representados respectivamente por Manzù, Cantatore, Tomea, Sassu e Del Bon, Pizzinato e Gaspari, e enfim, por Scipione e Mafai<sup>19</sup>. Entre as raras críticas negativas, surpreende ler a de Antonello Trombadori, futuro jornalista e parlamentar do PCI, que na importante revista *Primato*<sup>20</sup> perguntava a si mesmo quais molas culturais tivessem estimulado essa e outras coleções a surgir. Em sua opinião, a resposta não poderia ser mais negativa: “poses modernistas”, nas quais se refletem conceitos “agora pertencentes ao gosto mais indulgente do intelectualismo burguês”. E essas “poses” envolviam grande parte da arte moderna italiana:

*... em vista da superficialidade [daquelas “poses”], é fácil encontrar unidos sob o mesmo índice de validade expressiva Morandi e Cesetti, Scipione e Tomea, Bartolini e Viviani, exempli gratia.*

Naturalmente tudo isso implicava, para o intelectual romano, questões de ordem moral:

*Esta denúncia me interessa particularmente: quer ser a decifração de um costume que é o mal mais assíduo do provincianismo moral de certa cultura [...]. Costume que, é necessário assinalar, equivale ao outro da retórica monumental, classicizante, afresquista [...].*

Em tal degradação, Trombadori tendia a distinguir duas linhas, uma “proba”, não obstante alguns defeitos, em artistas como “Morandi e Carrà, Scipione e Mafai, Marino e Manzù”; e a outra negativa, onde era fácil “isolar alguns motivos para a não arte: e por esses motivos se entendem obras de artistas como De Chirico, Sironi, Campigli, Martini”.

Em 1942, Cardazzo convenceu-se a abrir a célebre Galleria del Cavallino. Isso deve ser interpretado, acima de tudo, como uma sua “ação para a arte” pessoal, que tinha o dever moral – e botaiano – de aproximar o público à arte contemporânea. Seria, porém, um erro, acreditar que a motivação fosse apenas essa. A consulta de documentos no Archivio del Cavallino e, sobretudo, as trocas epistolares com colecionadores e galeristas – dois deles em particular, Pietro Feroldi e Vittorio Emanuele Barbaroux – evidenciam uma coisa: a convicção de que a arte fosse um investimento seguro em tempos cada vez mais incertos. Em particular, pouco antes da abertura da Galleria, a correspondência entre Cardazzo e o conde Vittorio Emanuele Barbaroux, proprietário da Galleria Milano, se tornou mais intensa, pelo menos a partir de março de 1942, quando o galerista milanês entregou a Cardazzo um grupo de mais de trinta obras, entre as quais Sironi, de Pisis, Soffici, Rosai, Tosi. Sironi estava presente com o núcleo mais conspícuo de pinturas, entre as quais se destacava *L'incontro*, de 1929 e

18 Ver: FRANCI, Aldo. “Alla Galleria di Roma la seconda Mostra del Collezionista italiano”, in *La Tribuna*, Roma, 4 aprile 1941.

19 Ver: TRIDENTI, Carlo. “Note d’arte. La Collezione Cardazzo alla Galleria di Roma”, *Il Giornale d'Italia*, Roma, 4 aprile 1941.

20 Ver: TROMBADORI, Antonello. “Le Arti. La raccolta Cardazzo”, *Primato*, Roma, n. 9, 1 maggio 1941, p. 18 e seguintes. As citações que se seguem foram extraídas deste artigo.

a *Venere del porto* (*Venere dei porti*), de 1919<sup>21</sup> (Fig.3). Pela carta que as acompanhou<sup>22</sup> toma-se conhecimento de que o depósito tinha, em primeiro lugar, razões comerciais:

*Anexo a lista das obras que lhe confio em depósito para venda na Galleria del Cavallino, da qual V. Sa. é o genial promotor. As despesas de embalagem, seja para a ida como para a volta, ficam ao vosso cargo. Sobre os preços marcados será reservada à Galleria del Cavallino a percentagem de 20%.*

A ideia obviamente fora de Cardazzo que, na iminência de abrir a galeria, temia provavelmente não ter obras suficientes para expor; mas acabou sendo benéfica para ambos, e não só do ponto de vista econômico. Estabeleceu-se assim uma espécie de conta aberta entre os dois: em um prospecto das quantias pagas, em 25 de setembro de 1942<sup>23</sup> Cardazzo pagara a Barbaroux diversas quantias, num total de 130 mil liras.

A Galleria del Cavallino foi aberta em abril de 1942, com uma exposição coletiva. No texto introdutório, assinado A Direção (ou seja, de Cardazzo), lê-se<sup>24</sup>:

*Se na Itália surgiu um colecionismo, que foi a expressão mais viva para a ação da nossa arte, necessariamente deviam nascer galerias com o objetivo de aproximar sempre mais aquele público que necessita de um endereço artístico...*

Nesta primeira exposição foram apresentadas obras de Campigli, Carrà, Cesetti, Marino, Romanelli, Rosai, Sironi e Tosi. Para sublinhar sua importância, fora dada a notícia de que seria inaugurada pessoalmente por Bottai: mesmo se, de fato, em seu lugar veio o Superintendente das Regie Gallerie, Vittorio Moschini<sup>25</sup>.

Depois da mostra inicial, com verificações bissemanais, seguiram-se numerosas outras. Tomemos, por exemplo, a terceira exposição, que se realizou de 16 de junho a 20 de julho de 1942 – em absoluto uma das mostras mais interessantes, até mesmo pela concomitância com a XXIII Biennale di Venezia – que apresentava doze mini individuais, com uma meia dúzia, ou pouco mais, de obras para cada autor, módulo utilizado desde a primeira exposição: Campigli, Carrà, De Chirico, de Pisis, Funi, Marussig, Modigliani, Morandi, Scipione, Sironi,

21 Lista datilografada, datada de "Milão, 24 de março de 1942" com carimbo circular "Vittorio Emanuele Barbaroux – Opere d'arte – Milano, S.Spirito 19", AGCVe, fasc. *Barbaroux*.

22 Carta datilografada com a mesma data e o mesmo carimbo da anterior; *ibidem*

23 O relatório, datilografado até 25 de setembro de 1942, continua com adições manuscritas de 29 de Setembro do mesmo ano e termina a 18 de fevereiro de 1943, data em que os adiantamentos feitos por Cardazzo a Barbaroux alcançam a relevante quantia de 240.000 liras; *ibidem*. Em outra nota datilografada de Cardazzo, datada de "18 de fevereiro de 1943", foram vendidas várias obras, entre as quais um Casorati, um Soffici, dois De Chirico, um de Pisis, dois Sironi - entre estes, a relemburada *Vergine delle rocce*; *ibidem*. O ano de 1942 terminou com uma ducha fria para Cardazzo: a constatação de que Cesetti era um traidor. De fato, a 19 de dezembro Cardazzo informou Barbaroux que o próprio Cesetti "concordava com o senhor para que eu lhe entregue a pintura *La mucca* que, como sabe, eu tinha em depósito para venda ao preço líquido de 12.000 liras". Só que, por retorno imediato pelo correio, no dia 24 do mesmo mês, Barbaroux inesperadamente respondia: "Eu não entendo porque Cesetti queira retirar a pintura *La vacca*. Então é melhor que o senhor a mantenha em depósito para venda ao preço estabelecido"; *ibidem*.

24 Da Apresentação do catálogo da *la mostra del Cavallino. Campigli – Carrà – Cesetti – Marino – Romanelli – Rosai – Sironi – Tosi*, Venezia, Edizioni del cavallino, 1942..

25 Ver, nesse sentido, os inúmeros recortes de imprensa de propriedade da AGCVe.

Soffici, Tosi<sup>26</sup>. Assim ficamos sabendo que de De Chirico foram expostas pinturas como *Cavalli e zebra* (1927), *Lottatori* – provavelmente também presente na Mostra da Galleria di Roma do ano anterior – e *Gladiatori*. Modigliani era representado pelo *Ritratto della Signora Menier*, de 1918, que Cardazzo possuía desde o final de 1937, como demonstra a reprodução no artigo que Giuseppe Marchiori escreveu no *Emporium* em janeiro de 1938. Da lista datilografada da Galleria, por exemplo, podemos apurar que Scipione era representado por quatro obras, *Il cavallino* (1929), *Natura morta con tubino* (1929), *La piovra* (1929), *Uomini che si voltano* (1930). Uma comparação com aquelas que o artista romano expusera no ano anterior na Galleria di Roma revela notáveis diferenças: a falta de três quadros – que certamente Cardazzo ainda tinha, visto que serão repropostos em 1945 na 61ª Mostra da Galeria: *Ritratto di Parenti* (1930), *Ritratto di ragazza* (1930) e o esboço dos *Uomini che si voltano*<sup>27</sup> (1930).

Nessa mesma exposição, não menos interessante é a pessoal de Mario Sironi. As sete obras que foram expostas eram aproximadamente todas diferentes daquelas apresentadas na mostra inaugural da galeria, com muitas provenientes de Barbaroux: então, da coleção milanese provinham certamente *Il viandante* (1923?) e *La disperata*; na nova exposição, já comparecia pela primeira vez *La venere dei porto* (*Venere dei porti*) (1919).

Muitas outras exposições se seguiram. Como aquela de Virgilio Guidi de agosto de 1942, de que se pode ter uma vista geral da montagem<sup>28</sup> (Fig.4). Ou de Giorgio De Chirico, de julho de 1943, aqui fotografado ao lado a dois de seus quadros<sup>29</sup> (Fig.5).

A Cavallino alternava mostras singulares às exposições tradicionais. De fato, entre 22 de maio e 8 de junho de 1943, realizou-se aquela intitulada *Il Gioco del Paradiso*, organizada por Gianpiero Giani, além de Cardazzo, que apresentou pinturas, desenhos e gravuras de poetas, escritores e jornalistas, entre os quais Ennio Flaiano, Dino Buzzati, Giovanni Comisso, Eugenio Montale, Carlo Emilio Gadda, com prêmios finais concedidos a Cesare Zavattini e Alberto Moravia<sup>30</sup>.

Mas o tempo para as exposições se tornava cada vez mais obscuro, aproximando-se a derrota da Itália fascista. Que talvez teria podido ressurgir através

---

26 No Arquivo da Galleria del Cavallino há uma lista, com páginas datilografadas, incluindo os títulos das obras expostas de vários autores, exposição a exposição. Além disso, também uma resenha de imprensa, todavia nem sempre completa.

27 Para Scipione é obviamente essencial, *Scipione. Vita e opere, catalogo generale*, curadoria de Maurizio Fagiolo dell'Arco e Valerio Rivosecchi, Allemandi, Turim, 1988. Note-se, ainda, que Scipione foi apresentado junto com Marussig e Modigliani, este também presente não com o *Ritratto della signora Menier* (1918), que Cardazzo possuía pelo menos desde o final de 1937, visto que o quadro foi reproduzido no relembrado artigo de Marchiori na *Emporium*, mas com dois quadros não seus, *Margherita* e *Ritratto di Paul Guillaume*.

28 Ver: FANTONI, Antonella. *Il gioco del Paradiso. La collezione Cardazzo e gli inizi della Galleria del Cavallino*. Com Prefácio de Giancarlo Vigorelli e Introdução de Dino Marangon. Venezia: Edizioni del Cavallino, 1996, p. 106, mas sobretudo, a relembrada lista datilografada das exposições com os títulos das obras dos artistas individuais, e o catálogo Carlo Cardazzo. *Una nuova visione dell'arte*, op. cit.

29 Ver a esse respeito a carta manuscrita, sem data; AGCVe, fasc. *De Chirico*, sublinhado no texto. Observe-se que na lista datilografada dos títulos não figuram obras como *I lottatori*, *Figliol prodigo*, *Cavallo e zebra*, *Gladiatori*.

30 Ver, sobre esta exposição, os inúmeros recortes de imprensa conservados no AGCVe; além de, é claro, a FANTONI, Antonella. *Il gioco del Paradiso...*, op. cit.

da probidade de Morandi, sobre a qual muitos – da direita e da esquerda – ironizavam. E de que, no arquivo Cardazzo, existe um testemunho significativo. Trata-se de uma das cartas de Morandi mais longas – que em geral não ia além das 10-12 linhas – escrita em Grizzana a 18 de outubro de 1943. Lendo-a, o que chama a atenção é a riqueza de notícias sobre a índole do grande bolonhês, a partir da extrema honestidade dos preços que ele pretendia para suas próprias obras, não obstante a terrível inflação: apenas seis mil liras, como antes da guerra, quando no mercado os colecionadores as disputavam por cem mil. Talvez exatamente o caráter esquivo e um pouco tímido de Cardazzo, que com frequência ia diretamente ver Morandi em Bolonha, além obviamente do fato de ser um bom colecionador de suas obras, estavam na raiz dessa boa disposição de ânimo de Morandi em relação a ele<sup>31</sup>:

*Prezado Cardazzo*

*Só hoje recebi sua carta de 26 de setembro. Desculpe, então se, por essa razão, apenas agora me foi possível responder-lhe. Continuo em Grizzana, onde ficarei até que as coisas voltem ao lugar da melhor maneira possível. Esperemos que Deus nos ajude a sair desta situação o mais rapidamente possível.*

*Não trabalhei muito e agora, por causa da estação e do frio não faço mais nada e deverei esperar pela primavera.*

*Para si, tenho apenas as duas aldeias deste verão. Gravuras não posso dar-lhe, porque as entreguei, as poucas que me restam, a um amigo meu e até a guerra acabar não posso reavê-las. Para a entrega das pinturas seria necessário que Seu encarregado viesse aqui em Grizzana para retirá-las. Não tenho disposição de ir para a cidade. Ele deveria tomar o primeiro trem que parte da estação de San Ruffilo (Bolonha). Está ligada à cidade pelo bonde. Em relação ao preço eu diria como o último quadro que lhe dei, 6 mil liras cada um. Peço-lhe a gentileza de enviar-me a quantia em notas e não em cheques porque para mim seria difícil recebê-los. Serei obrigado a entregar-lhe as pinturas enroladas, porque aqui não me é possível fazer os chassis [...]*

*P.S. Saindo de San Ruffilo seu encarregado pode parar na estação de Grizzana. Da estação de Grizzana à cidade principal são cerca de quatro quilômetros que é necessário percorrer a pé. Há muito tempo o ônibus não funciona.*

---

31 Carta manuscrita, datada "Grizzana 18 de outubro de 1943"; AGCVe. Também em *Caro Cardazzo...*, op. cit., p. 163.



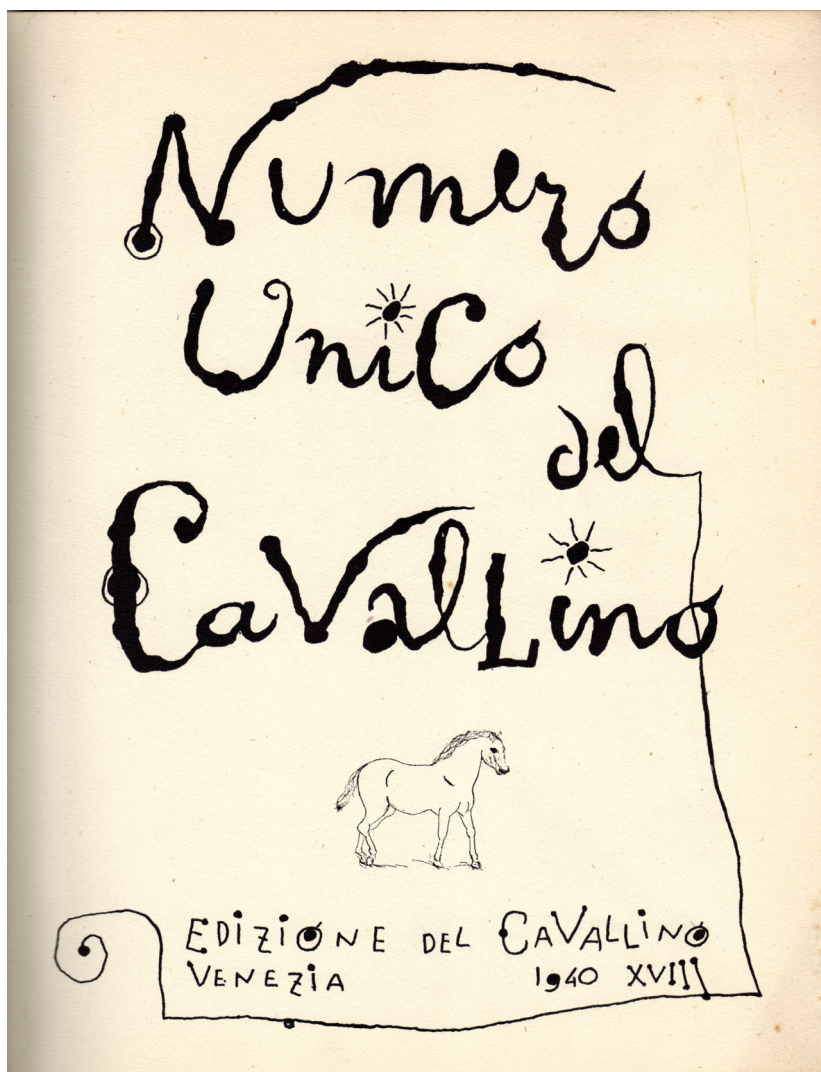


Fig. 1 Capa do  
Numero unico del  
Cavallino, 1940; AGCVe

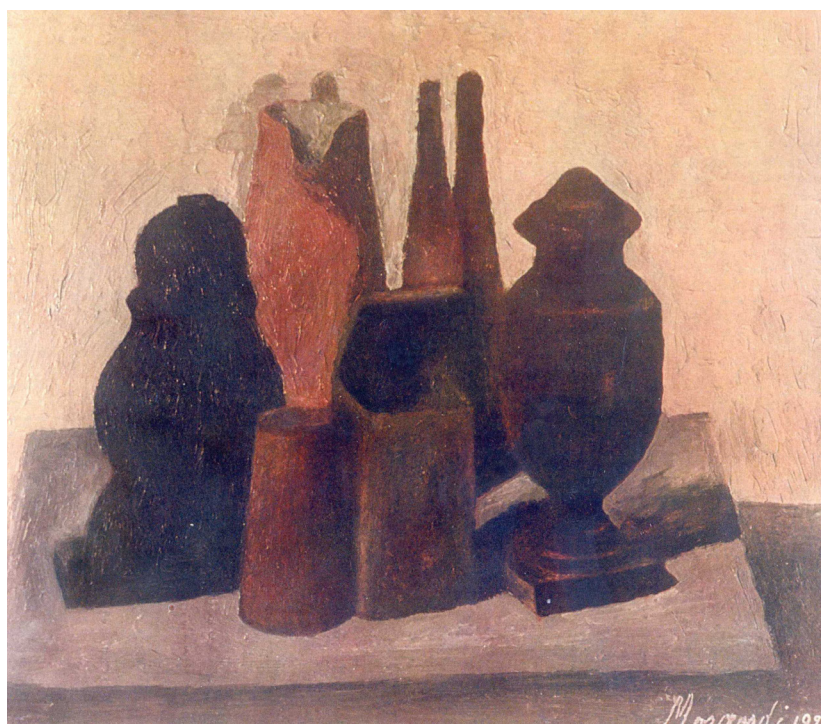


Fig. 2 Giorgio Morandi,  
Natura morta con oggetti  
neri, 1920 (Vitali 52);  
coleção Alvaro di Cosimo



Milano 24/3/1942

ELENCO DELLE OPERE CHE SI CONSEGNAVO  
AL CAV. DOTT. CARLO CARDAZZO VENEZIA = GALLERIA CAVALLINO

1	MARIO SIRONI = INCONTRO.....	L. 15.000	
2	MARIO SIRONI = SEMINATORE.....	L. 8.000	9000
3	" " = COMPOSIZIONE... <i>Montate.</i>	L. 12.000	8500
4	" " = LA DISPERATA.....	L. 8.000	9000.-
5	" " = COMPOSIZIONE.....	L. 7.000	8500.-
6	" " = MONTI.....	L. 4.000	5000.-
7	" " = MONTI.....	L. 4.000	5000
8	" " = PAESAGGIO URBANO.....	L. 3.000	4000.-
9	<del>FILIPPO DE PISIS = FILIPPO DE PISIS.....</del>		
9	FILIPPO DE PISIS = NATURA MORTA MARINA.....	L. 4.000	
10	FILIPPO DE PISIS = NATURA MORTA 1924.....	L. 5.000	
11	" " = IL PROFESSORE.....	L. 3.5000	5000-
12	" " = INTERNO CON FIGURA.....	L. 4.000	
13	" " = NATURA MORTA 1924.....	L. 4.000	
14	" " = RITRATTO 1924.....	L. 4.000	
15	" " = VIA DEI PORTICI.....	L. 3.000	
16	ARIDENGO SOFFICI = CIRRO.....	L. 8.000	
17	CESETTE GIUSEPPE = VACCA.....	L. 15.000	
18	FILIPPO DE PISIS = NATURA MORTA.....	L. 3.500	5000.-
19	ACQUARELLO FILIPPO DE PISIS.....	L. 1.500	
20	MARIO SIRONI = SCARICATORE.....	L. 3.000	
21	TEMPERA = MARIO SIRONI.....	L. 3.500	4.500,-
22	" " = COMPOSIZIONE.....	L. 5.000	
23	" " = DISEGNO.....	L. 2.000	
24	DE PISIS = IL BRAVO.....	L. 5.000	
25	OTTONE ROSAI = COLLINE FIORENTINE.....	L. 6.000	
26	DE PISIS = FIORI.....	L. 7.000	
27	MARIO SIRONI = VENERE DEL PORTO.....	L. 10.000	
28	" " = LARATTO.....	L. 8.000	
29	FILIPPO DE PISIS = SANTA CLOTILDE.....	L. 8.000	
30	MARIO SIRONI = MONTAGNE.....	L. 4.000	
31	" " = NATURA MORTA.....	L. 3.000	4.000,-
32	FILIPPO DE PISIS = OSTRICHE.....	L. 4.000	
33	ARTURO TOSI = ROVETTA ACQUARELLO.....	L. 3.000	

Fig. 3 Lista das obras dadas a Cardazzo pela Galleria Milano, entre elas a Venere del porto (Venere dei porti) de Mario Sironi, datada de 24 de março de 1942; AGCVe



Fig. 4 Mostra individual de Virgílio Guidi, V Exposição da Galleria del Cavallino, de 8 a 27 de agosto de 1942; AGCVe



**Fig. 5** *Giorgio de Chirico*  
ao lado de dois de seus  
quadros, mostra individual,  
XX da Galleria del Cavallino,  
19 de junho a 9 de julho de  
1943; AGCVe